

Vozes de Freud

Luiz Celso Toledo,¹ Ribeirão Preto

Resumo: O autor se debruça sobre o texto que deu origem ao tema do 30º Congresso Brasileiro de Psicanálise, “Algumas consequências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos”, de 1925, abordando o período no qual esse trabalho foi escrito, detendo-se sobre alguns de seus eixos principais, e propondo uma leitura dele e de outros textos freudianos nos quais vozes distintas podem ser discernidas, uma que poderíamos chamar de essencialista, e outra, de construcionista. Ambas se fazem presentes não apenas na obra de Freud, mas na relação da psicanálise com as questões relacionadas à sexualidade de forma ampla.

Palavras-chave: psicanálise, sexualidade, gênero, história, Febrapsi

Um Congresso Brasileiro de Psicanálise é uma construção coletiva que começa antes da sua abertura oficial. De fato, muito tempo antes, ao longo do que chamamos de eventos preparatórios, que vão sendo realizados em parceria com cada uma das Federadas e com o público que marca presença: psicanalistas, estudantes e profissionais de áreas afins. Nesses encontros, nos apropriamos da temática e testamos possibilidades. Um dos aspectos mais interessantes desse processo é acompanhar os desdobramentos que vão surgindo, tanto nas conversas com colegas quanto intimamente. A cada evento, nas leituras e releituras do texto homenageado, nas menções ao período no qual ele foi escrito e publicado, nos desenvolvimentos de cada um de seus eixos principais, é surpreendente acompanhar a variedade de abordagens possíveis a partir do tema escolhido.

Neste texto, procurei organizar algumas leituras, mapear as associações e questões sobre as quais tenho pensado a partir da proposta para o congresso

1 Psicanalista. Membro associado da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Ribeirão Preto (SBPRP). Foi diretor de publicações e, atualmente, é presidente da Federação Brasileira de Psicanálise (Febrapsi).

de Gramado. Pretendo retratar, em linhas gerais, o momento atual de um trabalho em andamento, que seguirá se ampliando até outubro do ano que vem e, certamente, a posteriori. Um bom congresso segue nos fazendo trabalhar muito tempo após o seu encerramento oficial.

Começemos por um texto.

No próximo ano, comemoraremos os 100 anos da publicação de um trabalho de Freud chamado “Algumas consequências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos” (1925/2011a). Ele foi o ponto de partida dos diretores científicos das Federadas para definir o título do 30º Congresso Brasileiro de Psicanálise, *Sexualidade: o tumulto das diferenças*.

Sabemos que a década de 1920 se iniciou com a publicação de outro trabalho audacioso e controverso, marcando o início de uma virada teórica importante, instaurando a polêmica sobre a pulsão de morte, sobre a qual Freud se mostraria cada vez mais convicto com o passar dos anos (Freud, 1920/2010). Em seguida, ele se dedicaria a pensar sobre as massas e o poder, a psicologia social e suas relações com a psicologia individual, abordando a intensificação dos afetos e a inibição do intelecto do indivíduo imerso no grupo (Freud, 1921/2011c), tema que segue sendo fundamental. A reformulação do modelo de aparelho psíquico, apresentado anteriormente em 1900, seria o próximo passo, com a conceituação de um Eu em larga medida inconsciente, do Supereu e de um Isso de inspiração groddeckiana (Freud, 1923/2011b).² Como se observa, Freud tinha os olhos voltados para o que se passava em sua clínica e, também, para o que ocorria no mundo ao seu redor.

Aquela década foi intensa também em sua vida privada. O diagnóstico de câncer se estabeleceu, o que o levaria a uma longa sequência de intervenções cirúrgicas dolorosas e mutiladoras. Além disso, Heinerle, o filho mais novo de Sophie, faleceu inesperadamente, uma perda que o deixou profundamente abalado (Gay, 1988/1989). Esses dois eventos provavelmente pesaram na decisão de dividir com seus leitores uma série de considerações que, como ele mesmo mencionou, se encontravam em período de avaliação. Freud deixou claro logo no início de “Algumas consequências...” que não tinha tempo a perder.

Enquanto tudo isso se dava, a psicanálise desembarcava do nosso lado do Atlântico. Após as conferências inaugurais de Juliano Moreira, a tese de Genserico Aragão³ e a introdução da psicanálise na psiquiatria da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro,⁴ ela passaria por um processo gradativo de

2 Apesar de ambos os issos – o de Groddeck e o de Freud – guardarem diferenças importantes entre si. Aos interessados, sugiro a leitura de *O livro disso* (1923/1997), de Groddeck, um trabalho inspirador, radical e ousado, daqueles que nos surpreendem a cada leitura.

3 *Da psicanálise (a sexualidade das nevroses)*.

4 Por Belford Roxo.

difusão⁵ e institucionalização (Oliveira, 2005). No meio artístico, os modernistas liam e debatiam *A interpretação dos sonhos*, os *Três ensaios...* e *Totem e tabu*. Em 1927, Durval Marcondes criaria a primeira versão nacional de uma sociedade de psicanálise. Pouco tempo depois, seria lançado o número inaugural da *Revista Brasileira*. O movimento psicanalítico vivia um intenso período de expansão, estabelecendo-se no Brasil por vias distintas, uma científica e outra artística.

Então, em meados dessa década, Freud publicou “Algumas consequências...”, texto no qual se deteve em assuntos variados: suas hipóteses sobre as especificidades do Édipo masculino e do feminino, a disposição bissexual humana, a pré-história edípica de ambos os sexos e suas peculiaridades. Também se dedicou a uma questão que se tornaria polêmica e o levaria a ser duramente criticado pelo movimento feminista: a inveja do pênis – além do complexo de castração e das distinções entre o Supereu masculino e o feminino. É interessante observá-lo nos advertindo que dividiria conosco – seus leitores – pensamentos e hipóteses sobre temas que se encontravam em fase de maturação, requerendo tempo até demonstrarem, ou não, a sua validade, acrescentando que, se o fazia, era por reconhecer que não dispunha mais de *oceans of time*, como quando era jovem. A guerra, a perda de pessoas queridas e o próprio adoecimento lançavam sombras sobre o futuro. O sentimento de finitude e a fragilidade da vida são o pano de fundo desse trabalho.

Passados 100 anos, poderíamos nos perguntar: o que permanece relevante, nos ajudando a pensar, e o que não sobreviveu ao teste do tempo?

Um autor sempre produz a partir de uma época e de um espaço geográfico e social determinados. Seu discurso e sua escrita nos dizem muito a respeito das condições de enunciação de um dado momento (Foucault, 1971/1999). Um texto carrega as marcas, as recorrências, o linguajar e os consensos de uma época, mesmo quando se opõe a eles. O autor escreve de um lugar, de uma certa posição, e isso se evidencia de várias maneiras na forma como um texto se estrutura.

Por exemplo, na virada do século 19, a convicção de que a sexualidade seria um assunto a ser descrito, mapeado e dissecado estava na ordem do dia. Havelock Ellis e Krafft-Ebing se dedicaram a descrever e a catalogar a sexualidade humana de modo pormenorizado. O austríaco Krafft-Ebing, em especial, havia publicado *Psychopathia sexualis* em 1886, o que o levaria a ser considerado o fundador da patologia sexual científica moderna (Ellenberger, 1970/2023). De formas variadas, esse furor de catalogação e a busca por explicações causais sobre os rumos da sexualidade humana se faziam presentes

5 Que também inclui o trabalho pioneiro de Júlio Pires Porto-Carrero e de Arthur Ramos, na Bahia.

também nos primeiros textos psicanalíticos, mesmo nos momentos em que eles os contestavam.

No texto que inspirou nossos diretores científicos, bem como em outros textos psicanalíticos clássicos, considero possível discernir vozes distintas nos enunciados de Freud.⁶ Há o vitoriano que dialoga com a bibliografia básica do final do século 19 e início do século 20, construindo seu raciocínio clínico-teórico a partir de um determinado *Zeitgeist*, de um lado; e o gênio adiante de sua época, de outro. Um tem os pés firmemente assentados na ciência que se produzia naquele período, o outro realiza voos inusitados que vão muito além das fronteiras então mapeadas. Vozes diferentes coexistem no trabalho de um autor, e elas nem sempre concordam entre si. Nesse sentido, falar de Freud no singular me parece inadequado e reducionista.

Ler Freud significa entrar em contato com uma profusão de vozes que debatem, discordam, criticam, afirmam e constroem continuamente. Se estivessemos no teatro, seria necessário contar com um grande elenco para encarnar cada uma dessas vozes. Há o Freud que levanta uma hipótese e o Freud que, imediatamente, responde às críticas – outra voz, portanto – que ele supõe que surgirão. Há o Freud que reitera as crenças de seu tempo e o Freud que as desconstrói e se insurge contra elas.

Onde estaria Freud, então? Em cada uma e em todas elas, na liberdade de não se prender, ciente de que parte fundamental da potência de seu pensamento se encontraria justamente no embate, no espaço para o contraditório, na reconstrução, na tolerância em relação às próprias dúvidas.

Freud não é um, portanto, são muitos.

Se nos detivermos em apenas duas dessas vozes, entre outras possíveis, poderemos observar trechos específicos, como aquele no qual Freud aborda a disposição bissexual humana, ao tratar das diferenças entre o Édipo do menino e o da menina, o que o levará futuramente a falar sobre preponderâncias, discorrendo sobre os aspectos masculinos e femininos recalcados, mas sempre presentes, de forma fluida, ampla e em permanente movimento no íntimo de cada um. Trata-se de um Freud que conversa diretamente com vários dos autores que se dedicariam a pensar sobre o gênero anos mais tarde, como Weeks, Moore e Vance, por exemplo (Toledo, 2024).

Mais tarde, no início da década de 1930, Freud reservaria uma de suas conferências ao tema da feminilidade. Cito um trecho que também merece atenção:

6 Penso aqui na forma como Maingueneau (1987/1989) e Guirado (1995) se referem às várias vozes possíveis no discurso de uma mesma pessoa.

De acordo com sua natureza peculiar, a psicanálise não tenta descrever o que é a *mulher* – seria esta uma tarefa difícil⁷ de cumprir –, mas se empenha em indagar como é que a mulher se forma, como a mulher se desenvolve desde a criança dotada de disposição bissexual. (1933/1980, p. 144, grifo meu)

Dito de outra maneira: a tarefa da psicanálise não seria definir a mulher, cobrindo-a de adjetivos amplos com pretensão à *universalidade*,⁸ mas acompanhar o seu desenvolvimento e indagar sobre ele. Dessa forma, tornar-se mulher não seria menos enigmático e digno de observação do que tornar-se homem, gay ou transexual.

Nesse e em outros trechos, Freud parecia antecipar a proposta de Simone de Beauvoir em *O segundo sexo* (1949/2009), direcionando o foco analítico ao processo – o tornar-se, o vir a ser –, e não ao seu termo, a descrição factual, momentânea, inevitavelmente provisória e datada das mulheres de determinado período. Trata-se de um Freud mais próximo do que considero uma postura analítica contemporânea. Como leitor, eu chamaria essa vertente freudiana – ou essa voz – de *construcionista*. Não se trata aqui de uma proposta arqueológica. Freud nos convida a manter a atenção ao processo permanente de construção de si mesmo.

Por outro lado, no mesmo texto, encontramos uma voz que destoa claramente dessa proposta. Ela afirma que as mulheres teriam menos senso de justiça do que o homem, menor inclinação a se submeter às exigências da vida, e que as mulheres tomariam decisões conduzidas por sentimentos afetuosos e hostis. O leitor que desejar ir além, retornando também ao texto da conferência da década de 1930 que mencionei há pouco, perceberá a mesma mudança de tom. Freud afirma que as mulheres seriam mais narcisistas, com menor capacidade de sublimação e maior debilidade em seus interesses sociais. O texto prossegue com menções à rigidez da mulher adulta e à sua imutabilidade psíquica – palavras de Freud – após os 30 anos. Acompanhamos, nesses momentos, sua tentativa de captar o que seria o estrutural da condição feminina e, quando isso se dá, algo se perde. Da proposta analítica, passamos a uma síntese, que resume e imobiliza o que anteriormente se buscava ampliar. Eu chamaria essa voz de *essencialista*,⁹ em oposição àquela sobre a qual me detive há pouco, a construcionista.

Podemos considerar que Freud e os primeiros analistas transitaram do concreto do sexo biológico – o sexo – para o Sexual¹⁰ num breve período

7 Na tradução de Laplanche não se trataria de uma tarefa “difícil”, mas simplesmente de uma questão que não poderia ser levada a termo.

8 Como se fosse uma essência.

9 Eu me inspiro aqui em Heilborn e Brandão (1999).

10 Utilizo aqui as palavras *sexo* e *Sexual* a partir da proposta feita por Laplanche, como mencionado logo a seguir.

histórico. A sexualidade foi o fio condutor que permitiu pensar sobre a bissexualidade psíquica, a pulsão (entre o somático e o psíquico), a sexualidade infantil, entre outros. Os comportamentos sexuais interessaram cada vez menos aos analistas, afinal, do que a sexualidade em sua relação com o inconsciente, com o infantil, com aquilo que aproxima – e não com o que aparta – a norma e a patologia, pondo em xeque as fronteiras rígidas e apaziguadoras da moral vigente.

No entanto, observo que em certas ocasiões seguimos conversando utilizando palavras que têm significados e histórias muito distintas como se fossem sinônimas, o que não se dá sem riscos. Jean Laplanche (2007/2015) procurou descrever as similaridades e diferenças entre três conceitos-chave para esse debate: o sexo, o Sexual e o gênero. Retomo a proposta de Laplanche por acreditar que um cuidado nesse sentido pode ser útil. Para ele:

– O sexo, com inicial minúscula, serial dual (masculino e feminino), corporal, biológico, fálico ou castrado.

– O Sexual, com inicial maiúscula, seria polimórfico, múltiplo, perverso e infantil (descoberta fundamental de Freud), fundamentado no recalque, no inconsciente e na fantasia. O Sexual seria aquilo que é condenado pelo adulto. Seria o objeto da psicanálise por definição.

– O gênero seria plural, sociocultural e subjetivo.

Algo que Laplanche procura evidenciar é a necessidade de diferenciar o que é o sexo biológico do que é o Sexual ampliado dos psicanalistas, e ainda do que hoje eventualmente chamamos, sem muito cuidado terminológico, de gênero. As diferenças são grandes, e há que se cuidar delas para que, ao falarmos sobre sexualidade, não percamos de vista certas especificidades.

Abro aqui um pequeno parêntese. As questões relacionadas ao que se chama de gênero têm sido debatidas nos primeiros eventos preparatórios, bem como no recente Congresso Latino-Americano de Psicanálise, e acredito que seguirá sendo assim no congresso de Gramado. Há muitos autores que trabalharam e expandiram o que se pensa atualmente sobre o tema. Entendo que, sendo críticos ou não a Freud, boa parte deles deve muito à psicanálise, mesmo que nem sempre se deem conta disso. Referências básicas na literatura sobre o tema, como Gayle Rubin, Judith Butler e outros, debateram com a psicanálise ou fizeram uso dela em vários de seus escritos (Toledo, 2024). Assim como Simone de Beauvoir (1949/2009), que em tempos mais remotos reconheceu em Freud um teórico fundamental para pensar sobre o feminino. Mesmo quando discordava – e convém lembrar que ela foi uma crítica feroz de boa parte do que ele escreveu a respeito das mulheres –, Freud era um interlocutor indispensável.

Assim, poderíamos nos perguntar: qual dessas vozes favoreceria essa interlocução, a construcionista ou a essencialista? De minha parte, fico com a primeira.

Mesmo que o texto freudiano seja perpassado por vozes essencialistas, como não poderia deixar de ser,¹¹ o que o distinguiu desde o início foi sua aversão à normatividade, à rigidez ou à adaptação. É justamente quando a psicanálise permite a observação íntima, intensa e não moralista do que se passa com a dupla analista-paciente, a cada momento da sessão, que ela revela o que tem de melhor: a possibilidade de apresentar o paciente a si mesmo, a suas precariedades e potenciais, suas verdades e mentiras, seu conformismo mortífero e sua vitalidade criativa. A liberdade do analista para transitar por diferentes posições Sexuais (novamente, com inicial maiúscula, como proposto por Laplanche) é o que permitirá que a dupla analítica venha a se tornar fértil, que o paciente estabeleça formas de contato mais verdadeiras com a própria mente, tolerando impasses, incoerências e conflitos.

Esse embate permanente entre vozes distintas no texto de um mesmo autor, o retrato do caminhar que levaria Freud do sexo ao Sexual, passando pelos rudimentos daquilo que posteriormente viria a ser chamado de gênero por outros autores, tudo isso está presente em “Algumas consequências...”, bem como em outros textos, tanto nas afirmações quanto nas questões divididas com o leitor, como um exercício de pensamento a céu aberto. Um dos aspectos mais admiráveis da escrita freudiana consiste justamente nisto: em nos apresentar às grandes estruturas de um sistema de pensamento permanentemente disponível para reformulações e ampliações – como se dá nas descrições sobre a primeira e a segunda tópicas, por exemplo –, permitindo que também observemos os andaimes, a alvenaria, as vigas nuas do processo de construção dessas mesmas estruturas. Como se, diante de uma casa pronta, pudéssemos discernir os detalhes do seu interior, as marcas da sua construção, as suas entranhas.

Em tempos mais recentes, outro psicanalista muito conhecido entre nós, André Green, escreveu um texto no qual provocava o leitor logo de cara, perguntando: “Sexualidade tem algo a ver com psicanálise?” (1995/1997). A questão da qual ele partia para redigir esse texto era um exercício imaginativo, quase ficcional: se Freud estivesse vivo e descobrindo a psicanálise hoje, sua teoria seria a mesma? A sexualidade teria o mesmo destaque que teve nos primórdios?

Green prosseguia abordando a criação do conceito de psicosexualidade. Ele entendia que parte da comunidade psicanalítica não confere a mesma relevância à sexualidade atualmente, que ela se faz menos presente em escritos clínicos, ou que, quando está lá, sua relevância com frequência é minimizada. Era enfático ao defender sua posição sobre o assunto. Green pensava o inconsciente a partir da sexualidade e da destrutividade, nos convidando a observar

11 Se concordamos com a noção de que o autor escreve sempre a partir de seu tempo.

críticamente como a psicanálise contemporânea dialoga – ou não – com o pensamento freudiano.

É uma provocação interessante, que penso que o congresso vai reeditar e ampliar. Cabe lembrar que, desde o início do movimento psicanalítico, Freud também se preocupava com o fato de que os próprios analistas pudessem dessexualizar a psicanálise, fazendo dela uma ciência mais palatável. Na volta da viagem de Jung aos Estados Unidos, por exemplo, quando este lhe expôs a satisfação por ter sido bem recebido no país, Freud respondeu de forma dura, comentando que diminuir a relevância da sexualidade para a clínica e a teoria não seria motivo para orgulho. Freud havia sido avisado de que Jung diluía a relevância do Sexual nas palestras e encontros nos Estados Unidos, e esse fato foi determinante para o desgaste da relação entre ambos. Como se vê, a indagação proposta por Green tem raízes profundas e antigas.

Desse modo, o que a temática escolhida para o encontro em Gramado nos convida a pensar hoje? Qual é o seu papel na clínica, na vida mental, na teoria e, de forma mais ampla, no mundo atualmente? Como se pode perceber, o título do 30º Congresso Brasileiro de Psicanálise dá margem para abordar a clínica, a cultura, o intrapsíquico e o social, nos permitindo dialogar com colegas e com profissionais de áreas afins, fazendo a psicanálise se deter sobre o que há de contemporâneo a respeito de questões que seguem relevantes 100 anos após terem sido abordadas por Freud.

Esperamos por você. Como se vê, teremos muito para conversar.
Até breve!

Voces de Freud

Resumen: El autor aborda el texto que dio origen al tema del 30º Congreso Brasileño de Psicoanálisis, “Algunas consecuencias psíquicas de la diferencia anatómica entre los sexos”, de 1925, abordando el período en que esta obra fue escrita, deteniéndose en algunos de sus ejes principales, y proponiendo una lectura de ella y de otros textos freudianos en los que se pueden discernir distintas voces, una que podríamos llamar esencialista, y otra, constructorista. Ambas están presentes no sólo en la obra de Freud, sino en la relación entre el psicoanálisis y las cuestiones relacionadas con la sexualidad en general.

Palabras clave: psicoanálisis, sexualidad, género, historia, Febrapsi

Freud's voices

Abstract: The author considers the text that gave rise to the theme of the 30th Brazilian Congress of Psychoanalysis, “Some psychological consequences of the anatomical distinction between the sexes”, from 1925, addressing the period in which

this work was written, dwelling on some of its main axes, and proposing a reading of it and other Freudian texts in which distinct voices can be discerned, one that we could call essentialist, and the other, constructionist. Both are present not only in Freud's work, but also in the relation between psychoanalysis and issues related to sexuality in general.

Keywords: psychoanalysis, sexuality, gender, history, Febrapsi

Voix de Freud

Résumé : L'auteur examine le texte qui a donné lieu au thème du 30e Congrès brésilien de psychanalyse, « Quelques conséquences psychiques de la différence des sexes au niveau anatomique », datant de 1925, en abordant la période de rédaction de cet ouvrage, en s'attardant sur certains de ses axes principaux et en proposant une lecture de ce texte et d'autres textes freudiens dans lesquels on peut discerner des voix distinctes, l'une que l'on pourrait appeler essentialiste, et l'autre, constructionniste. Toutes deux sont présentes non seulement dans l'œuvre de Freud, mais aussi dans la relation entre la psychanalyse et les questions liées à la sexualité en général.

Mots-clés : psychanalyse, sexualité, genre, histoire, Febrapsi

Referências

- Beauvoir, S. (2009). *O segundo sexo* (S. Milliet, Trad.). Nova Fronteira. (Trabalho original publicado em 1949)
- Ellenberger, H. (2023). *A descoberta do inconsciente: história e evolução da psiquiatria dinâmica* (P. S. Souza Jr., Trad.). Perspectiva. (Trabalho original publicado em 1970)
- Foucault, M. (1999). *A ordem do discurso* (L. F. A. Sampaio, Trad.). Loyola. (Trabalho original publicado em 1971)
- Freud, S. (1980). Feminilidade. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 22, pp. 139-165). Imago. (Trabalho original publicado em 1933)
- Freud, S. (2010). Além do princípio do prazer. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. Souza, Trad., Vol. 14, pp. 161-239). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1920)
- Freud, S. (2011a). Algumas consequências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. Souza, Trad., Vol. 16, pp. 283-299). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1925)
- Freud, S. (2011b). O eu e o id. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. Souza, Trad., Vol. 16, pp. 13-74). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1923)
- Freud, S. (2011c). Psicologia das massas e análise do eu. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. Souza, Trad., Vol. 15, pp. 13-113). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1921)

- Gay, P. (1989). *Freud: uma vida para o nosso tempo* (D. Bottmann, Trad.). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1988)
- Green, A. (1997). Sexualidade tem algo a ver com psicanálise? *Livro Anual de Psicanálise*, 11, 217-229. (Trabalho original publicado em 1995)
- Groddeck, G. (1997). *O livro disso* (J. T. Coelho Netto, Trad.). Perspectiva. (Trabalho original publicado em 1923)
- Guirado, M. (1995). *Psicanálise e análise de discurso*. Summus.
- Heilborn, M. L. & Brandão, E. R. (1999). Introdução: ciências sociais e sexualidade. In M. Heilborn (Org.), *Sexualidade: o olhar das ciências sociais* (pp. 7-17). Zahar.
- Laplanche, J. (2015). *Sexual: a sexualidade ampliada no sentido freudiano: 2000-2006* (V. Dresch & M. Marques, Trads.). Dublinense. (Trabalho original publicado em 2007)
- Maingueneau, D. (1989). *Novas tendências em análise do discurso* (F. Indursky, Trad.). Pontes. (Trabalho original publicado em 1987)
- Oliveira, C. L. V. (2005). *História da psicanálise: São Paulo: 1920-1969*. Escuta.
- Toledo, L. C. (2024). Freud, Beauvoir e o gênero. *Psicanálise em Revista*, 14(1), 79-94.

Recebido em 26/11/2024, aceito em 10/12/2024

Luiz Celso Toledo
luiz.toledo@gmail.com

DOI: 10.69904/0486-641X.v58n4.14